



RUBENS MÁRIO

Professor do Cesmac

Meninos, eu vi!

Neste carnaval, ou pré carnaval de Maceió, fui, na sexta-feira à Jaraguá (Jaraguá folia), e no sábado, pela manhã, à Pajuçara (desfile do "Pinto da madrugada"). Na sexta-feira, organizei, previamente, um roteiro, onde, inicialmente, planejei entrar no museu Théo Brandão. Assim o fiz. Naquele espaço cultural, observei uma festa muito bonita e bem organizada pelo Prof. Ronaldo e demais colegas do espaço cultural da Universidade Federal de Alagoas; ali se concentra todos os anos, o tradicional bloco: "Filhinhos da mamãe".

Lá encontrei, garbosamente, fantasiados, alguns professores da Universidade, à exemplo do professor, Guido Lessa, graciosamente, travestido de Robin. Sai pouco tempo depois e percorri, tal qual um "fiscal" da saudade, a avenida da paz; após o riacho "salgadinho", vislumbrei uma verdadeira multidão, dividida entre os diversos blocos de frevo – entrei em todos eles – e, mesmo, com a oferta abundante de cervejas e outras bebidas, não observei qualquer incidente naquele local. Vi, pelo contrário, com muita admiração, pessoas de todas as idades e de diversas classes sociais, brincando, animadamente, ao som das diversas orquestras de frevo.

No sábado pela manhã, na praia da pajuçara, assisti, mais uma vez, maravilhado, ao desfile do "Pinto da madrugada"; apesar do enorme calor, vi, milhares de pessoas brincando, animadamente, ao som das diversas orquestras de frevo – acredito que os organizadores do bloco já deveriam repensar o horário do

desfile, talvez, um sábado à noite – essa sugestão, além de contemplar as pessoas mais velhas (milhares), justificaria o nome do bloco, pois a grande festa, com certeza, se estenderia pela madrugada; mas, apesar da alta temperatura, mais uma vez, não observei qualquer problema dentro dos diversos grupos, abertos, puxados pelas diversas orquestras.

Quando passou a última orquestra do "Pinto", melancolicamente, tal qual o amante que acabara de perder a sua amada, me recolhi a minha residência, onde fiquei os quatro dias de carnaval, escutando as velhas canções dos carnavais passados, convicto de que, somente ali, voltaria a curtir, em paz, as verdadeiras músicas carnavalescas; quando ousei sair do meu involuntário refúgio para suprir algumas necessidades, observei, pasmado, grupos de pessoas, ora, atirando ovos, em seus supostos algozes, ora, ouvindo um sujeito berrando: "puta que pariu" ou, contando, descaradamente, também, para quem não queria ouvir, as suas orgias sexuais – tudo isso é gravado pelos arremedos de cantores e vendido, impunemente, pelos trabalhadores ambulantes.

Na volta à minha "reclusão", fiquei meditando sobre todo o contexto do mundo em que vivemos, comparando-o com as festas pré carnavalescas. Como explicar, de forma lógica, uma multidão de milhares de pessoas das mais diversas faixas etárias, e de diversas classes sociais, muitas consumindo cervejas, e dançando ao som de músicas frenéticas – frevos – se

respeitar, sem quaisquer tipos de incidentes!

Por outro lado, quem são as pessoas que se agridem, até com armas de fogo, nas festas "carnavalescas" animadas com trios elétricos tocando "axés"? Aqui em nossa capital, tínhamos, todos os anos os chamados "Maceió fest", e que foram proibidos, após seguidos atos de vandalismo praticados por muitos frequentadores dessas festas.

É imperativo, que nos próximos anos, as nossas autoridades comecem a despertar para a importância da preservação da nossa cultura popular; não somente no carnaval, mas, também, nas demais festas do nosso calendário; o São João, a nossa festa mais tradicional, infelizmente, também vem sendo agredida e desvirtuada com a invasão dos mesmos modismos que teimam em agredir os nossos ouvidos e os nossos costumes.

Tenho escutado com grande indignação, defensores do axé, afirmarem que a democracia permite a divisão do espaço com a nossa cultura! Quando tenho a oportunidade de responder, afirmo que democracia é você respeitar o espaço do outro! E nesses momentos sagrados, o direito é do frevo, do forró pé de serra e dos nossos folguedos populares, à exemplo do, pastoril, do reizado, das baianas e etc.

Urge, que comecemos a mostrar aos nossos meninos o que de fato lhes pertence! Somente dessa forma, à exemplo do que acontece no Recife, em Salvador ou no Rio de Janeiro, eles aprenderão a gostar do que é, genuinamente, seu.